

A DIMENSÃO EUCARÍSTICA SACRAMENTAL: LUGAR DE ENCONTRO COM A COMUNIDADE E ESPAÇO PARA A KOINONIA

Washington Luiz Sebastião Nunes¹

Resumo

A comunicação busca refletir sobre a Eucaristia em sua dimensão sacramental, espaço de encontro com a dinâmica eclesial geradora de comunhão (*koinonia*). A metodologia utilizada se deu a partir de revisão literária e para isto, foram utilizados três passos no desenvolvimento do trabalho: A Eucaristia Sacramental: encontro com uma comunidade; uma comunidade eucaristizada: vínculo de comunhão e Desafios de uma celebração da Eucaristia dentro da Ética. A Eucaristia na Igreja se manifesta através da comunhão. A sacramentalidade lança o olhar para a celebração como lugar onde se torna eficaz e válido o que se celebra atingindo a vida ética. Há um transbordamento da experiência celebrada para a vida de todos os dias.

Palavras-chave: Comunhão. Comunidade. Eucaristia.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, tem o intuito de desenvolver uma reflexão acerca do entendimento da Eucaristia em sua dimensão sacramental. É sabido que o centro de toda reflexão está na ceia pascal, lugar do qual emana a vivência de um encontro com o Mestre e, a partir desse encontro, somos lançados em uma Igreja que caminha com os irmãos em unidade e fraternidade, buscando uma verdadeira sinodalidade em vista de uma melhor compreensão do Evangelho e de retorno às práticas da Igreja primitiva sendo, assim, espaço de comunhão (*koinonia*).

As palavras do Papa Francisco são propícias para justificar o que se deseja com este trabalho: A Eucaristia impede que nos desagreguemos, porque é vínculo de comunhão, cumprimento da Aliança e sinal vivo do

¹ Possui graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano – Batatais – SP (2019) e em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: washingtonluiz61@hotmail.com

amor de Cristo, que se humilhou e se aniquilou para que nós permanecêssemos unidos (Francisco, 2015, s.p.). Portanto, esta comunicação quer a partir da experiência da Eucaristia, nos seus desdobramentos teológicos e sacramentais, adentrar na experiência pastoral e fornecer os mecanismos necessários para entender a ritualidade presente na Igreja como uma centelha de luz para a sociedade como um todo, de igual forma, a sociedade adentrar na vivência e no ser da Igreja.

2 A EUCARISTIA SACRAMENTAL: LUGAR DE ENCONTRO COM UMA COMUNIDADE

A celebração eucarística é o *locus* constitutivo de unidade da Igreja. Dizer isto é o mesmo que percebê-la como lugar de encontro de uma comunidade de fé que, pela prática primeira, fundada em sua paixão, morte e ressurreição, faz-se um itinerário de vivência, dentro de um corpo, que tem como cabeça o Cristo e a Igreja o seu corpo místico, que constrói uma comunhão de amor bem elaborada por Paulo em 1Cor 10,16-17. O traço nítido que há no rito celebrativo das primeiras comunidades chega até os dias atuais com uma força testemunhal muito grande e nos estimula a fazermos a mesma experiência de encontra-se ao redor do pão partido e da comunidade reunida.

O Senhor continua a reunir os seus e alimentá-los. Ele continua a falar e agir, declarando a sua presença, para além da morte, na espera de sua vinda. Os primeiros cristãos vibravam com a presença do Ressuscitado, percebida experimentalmente pela fé, em toda a vida deles e nas reuniões que edificam a Igreja com um só pão. Gritavam a presença de um Crucificado sempre vivo e, portanto, também sua esperança no próprio lugar dessa ceia, na qual o Senhor continuava a alimentá-los, e alimentá-los com sua própria carne (Perrot, 2006, p. 116).

Eis que esse encontro promovido por Jesus, ao se fazer alimento, seja para nos nutrir ou nos integrar em uma comunidade de fé, é o que edifica o nosso ser de Cristo. Só é possível fazer Eucaristia a partir do encontro com o Senhor dentro de uma comunidade. Walter Kasper destacou: “Com isso, a eucaristia torna-se o sinal, pleno de realidade, dos novos tempos de

salvação. Essa nova realidade da salvação estende-se também no relacionamento dos seres humanos e Deus e dos seres humanos entre si” (Kasper, 2006, p. 91). Pela anamnese, presente no rito eucarístico, a comunidade participa plenamente do ato querido por Cristo.

O gesto memorial, instituído por Jesus Cristo, transforma em Eucaristia e ela conduz a uma unidade que se desenvolve na celebração e superabunda para além das estruturas da *ecclesia*. Cipriano, em certo momento, foi citado por Perrin que afirmou:

Quando o senhor chama de seu pão seu corpo – e o pão é uma reunião de muitos grãos formando uma só coisa – ele significa que nós, o povo que ele representa, somos reunidos em uma só coisa. Do mesmo modo, quando ele chama de vinho seu sangue – e vinho é produto da prensagem de grande número de cachos e grãos de uva reunidos em uma só coisa – ele significa que nós, seu rebanho, que somos uma multidão reunida em conjunto, somos misturados e unidos em uma coisa só coisa (Perrin, 2006, p. 149-150).

É possível perceber a Eucaristia como força transformadora da realidade concreta, capaz de gerar um vínculo perene de unidade. Há aqui uma ressignificação, a unidade é constitutiva desta realidade, pois ela congrega a todos para uma finalidade única, a *koinonia*, a participação no corpo do Senhor. A Eucaristia é o fazer-se pão, este que quanto mais se parte, menos se divide, pois quanto mais se vai partindo para nutrir, tanto mais nos distancia dos princípios individuais de indiferença e de desarmonia. Essa evolução faz a comunidade inserir-se no sentido do encontro que se realiza no altar, dentro de um rito, uma celebração que transforma a existência por inteiro.

A celebração da Eucaristia, desempenha uma importância muito precisa dentro da vivência eclesial, pois é a liturgia centro de toda vida cristã, é a Ceia do Senhor que se realiza todas as vezes que se celebra a Eucaristia, tendo sempre presente que nela, o mistério pascal de Cristo - paixão, morte e ressurreição - é atualizado e vivenciado. Os fiéis presentes na missa devem estar atentos de que sua participação deve ser “consciente,

ativa e frutuosa” (SC n. 11), de corpo e alma. Nesta celebração, é perceptível a intervenção de Cristo no seio da Igreja:

A comunidade é significada pela fração do pão. A cada um dando um pedaço do pão sobre o qual pronunciara a bênção selada pelo Amém de todos, aquele que preside consolida uma solidariedade à qual ele mesmo pertence. Une-os a unicidade do dom (Tillard, 2006, p. 535).

Pois bem, a Eucaristia enquanto sacrifício está para além da ritualidade, da assembleia reunida em uma comunidade, em um contato mais próximo com Deus. Ela manifesta também o dom integral da salvação, concebido pela Igreja em Jesus que é una, santa, católica e apostólica. Dito isto, percebe-se que uma comunidade eucarística não está fechada em si mesma, mas em relação com todas as outras comunidades católicas. Assim sendo, “a comunhão eclesial da assembleia eucarística é comunhão com o próprio bispo e com o romano pontífice. Com efeito, o Bispo é o princípio visível e o fundamento da unidade na sua Igreja particular” (João Paulo II, 2003, n. 39).

Destarte, a Eucaristia desenvolve-se dentro da comunidade e isto é perceptível ainda hoje nas comunidades eclesiais. É o ponto máximo de encontro, pois é neste momento que todas as distâncias são quebradas e é possível uma comunicação íntima com o Senhor. A comunicação deve formar uma comunhão que ultrapasse as instâncias físicas e atingir todos os lugares, como força norteadora e princípio constitutivo de união, especialmente construindo ponte. São vínculos de justiça, solidariedade e paz, cujos princípios devem emanar do altar, lugar de perpetuação do amor que se forma e atinge os que dele se aproximam.

3 UMA COMUNIDADE EUCARISTIZADA: VÍNCULO DE COMUNHÃO

A Eucaristia desencadeia um vínculo gerador de comunhão, possível graças à força ritual – sacramental que se realiza na comunidade. O princípio querido por Cristo, feito memorial por ele, transforma a existência humana em realidade divina. O alimento convertido em sacramento mostra

que, pela unidade do seu corpo e sangue, ele rompe o véu da separação e adentra no santuário celeste (Hb 9,11-12). Gianmarco Busca (2019) aponta que “a carta aos Hebreus enquadra o discurso no contexto dos dons que recebeu aquele que foi iniciado na fé [...] saboreou o dom celeste (a Eucaristia), [...] saboreou a Palavra de Deus e as maravilhas do mundo futuro” (Busca, 2019, p. 54). Compreender que em Jesus, o dom da Eucaristia foi entregue a humanidade como possibilidade de chegar a esperança futura, o banquete escatológico, que se realiza a partir da vivência na comunidade que se reúne e que faz memória do Mistério Pascal e se encaminha para o que está por vir.

As orações eucarísticas são estímulos e motivam o fiel a uma transformação integral de sua existência no sentido de transformar-se e tornar-se o corpo eclesial de Cristo, ser unidade em, com e por Cristo. Taborda assim reflete:

A eucaristia não é necessária para “criar” presença de Cristo, pois ele já está aí realmente presente de muitas maneiras. A finalidade da eucaristia é transformar-nos a nós no corpo eclesial de Cristo por meio da comunhão no corpo sacramental. Por isso, a eucaristia é o sacramento da unidade (Taborda, 2009, p. 103).

A compreensão de eclesialidade nos insere em um dinamismo ritual – sacramental, isto nos provoca e nos estimula para compreender os desafios que a Igreja enfrenta para uma participação do mistério celebrado cada vez mais sincero e consciente. Nesse sentido, algumas indagações surgem, do tipo: *o que dizer da Eucaristia? O que ela repercute na comunidade? Quais consequências ela traz para a vida pessoal e comunitária? Como ela torna-se força e alimento para repropor a fé em tempos de indiferença, autorreferencialíssimo, preconceito, discriminação, cultura do ódio, negacionismos? e, ainda, de recusa ao dom salutar presente nos irmãos? Como comungar do ensinamento da Igreja e tornar isto em elemento concreto para a vida prática, conduzindo para uma ética do encontro? Não se pode esquecer que há uma ética eucarística, ela desloca para um ponto comum os mais necessitados. Não se pode esquecer da Eucaristia*

como destino dos “desgraçados”, que são os pobres, os infelizes, os doentes, os injustiçados, os excluídos, os desprezados pelo sistema econômico, político e social, entre tantos irmãos. Eucaristia é a comunhão na paixão, morte e ressurreição com o Senhor, é perceber o percurso feito de atenção com os mais vulneráveis à indiferença pela atual cultura.

4 DESAFIOS DE UMA CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA DENTRO DA ÉTICA

Uma pesquisa apresentada em fevereiro de 2023 pelo Instituto Humanitas Unisinos destaca que o Brasil é o maior país católico do mundo. Porém, a participação nas missas em sua frequência aos domingos não passa de 8%. Os resultados desta pesquisa colocam em alerta a forma com que os fiéis aderem ao sacramento porque os identifica e os torna um. A missa, unida aos demais sacramentos, constitui a Igreja. A pesquisa destaca:

Pode-se supor que quanto mais católicos estiverem em um país, maior a probabilidade de irem à missa com frequência. No entanto, não há uma forte correlação entre as pessoas que se identificam como católicas e a frequência à missa (IHU, 23 de fevereiro de 2023).

Se a Eucaristia faz a Igreja e a sua frequência tem sido deficitária, é evidente que os seus frutos não serão notados, pois os valores que devem emergir dela não está chegando na vida das pessoas, seja pela não-participação, seja pela falta de consciência acerca de sua implicação ética na vida de todos os dias, visto que a finalidade sacramental não tem tocado a vida dos que se dizem católicos. Por outro lado, é perceptível na sociedade um contexto de “mentira”, no sentido de que há muitas reflexões, se acentua o discurso de caridade, mas na prática quase nada é feito para que a caridade seja uma contante na nossa vida, se fala muito em verdade, mas, é mais cômodo viver diante de negacionismo e mentiras, se fala muito de comunhão e sinodalidade e se vive em meio a um indiferentismo e um individualismo próprio da humanidade.

É visível o esquecimento do significado da eucaristia como uma implicação ética e social. É mais cômodo engendrar a Eucaristia no

sacramento como ritual ou, um perigo cada vez mais presente, torná-la como um amuleto, ou tornar o cristianismo uma religião dos privilegiados, dos que já estão considerados salvos/puros. A Eucaristia não faz parte de uma religiosidade de magia ou de enquadramentos individualistas, ela é, em sua constituição, primeiramente comunitária e de uma implicação na vida de todos os dias. Sem essa noção não é possível fazer Eucaristia aos moldes queridos por Jesus e instituído por Ele “naquela ceia derradeira” (Missal, 1992, p. 495), que se tornou alimento e se fez memória para toda a humanidade sem distinção.

Há um crescimento de cristãos indiferentes com a dor dos outros, muitas pessoas das sociedades nem são notadas, são tidas como invisíveis, há uma distorção muito grande no ser cristão, pois não é possível fazer parte da Eucaristia, quando se olha com indiferença ou desdém para os que também são Cristo. Não é possível reconhecer Jesus na hóstia consagrada se não o reconhecemos no irmão. Não se pode dissociar a imagem de Cristo nas pessoas, pois cada um de nós deve deixar transparecer esse ser de Cristo no hoje da História independente das circunstâncias. Há uma crescente insensibilidade da dor dos outros: muitos tem tanto, enquanto outros nada tem. Muitas vezes, quando se faz a caridade, é em vista de si próprio, pelo medo de não alcançar salvação ou como remissão dos pecados e não como gesto de amor, o sentido de “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mc 6,37, p. 1768), significa que se vê no outro a imagem do próprio Senhor que se fez alimento para a multidão faminta.

É preciso visitar constantemente a experiência das primeiras comunidades cristãs, onde não havia necessitados entre eles, e tudo era posto em comum de acordo com as próprias necessidades (At 2,44). O Documento de Santo Domingo (2004) lembra: “o culto cristão deve expressar a dupla vertente da obediência ao Pai (glorificação) e da caridade com os irmãos (redenção), pois a glória de Deus é que o homem viva. Com o qual longe de alienar aos homens, os liberta e os faz irmãos” (CELAM, 2004, p. 654).

É de acentuar a reflexão que esse divórcio, cada vez mais presente,

entre o que se celebra nas missas e o que se vivencia no cotidiano, está cada vez mais evidentes, como que em polos distintos: há uma vivência eucarística muito superficial, ligada apenas à liturgia ritual, falta muito a liturgia vivencial, partilhada e comungada na constância da vida. Não é possível fazer uma Eucaristia plena diante destas distorções e más compreensões.

Aqui se percebe que estas linhas são tênues e precisam de uma verdadeira reflexão ou reorientação da meta. O elemento fontal querido pelo Mestre deve ser cada vez mais redescoberto, como fonte de construção de uma identidade e de conformação a Ele. Eis a finalidade da Eucaristia: pela comunhão na comunidade, alcança-se o Senhor e com ele une-se em “um só corpo” (Missal, 1992, p. 480), ou como disse Paulo, “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gl 2,20a, p. 2033). Esse é o sentido da “eucaristização”, um torna-se de Cristo onde não há mais separação entre a pessoa humana e Deus. Assim recorda Busca:

É o sentido espiritual envolvido quando se chega ao ápice da comunhão com o divino, que é a participação no Corpo e Sangue do Senhor. Os dois elementos naturais assumidos por Jesus como símbolo do seu sacrifício, o pão e o vinho, estão ligados a duas experiências fundamentais da vida humana: a necessidade de alimentar-se, à qual provê o pão como alimento essencial da vida de cada dia, e a gratuidade e a abundância típicas dos dias festivos, às quais convida o vinho (Busca, 2019, p. 46).

Que a capacidade adquirida pela eucaristização, que significa um imbricar-se no Senhor, um tornam-se parte do único corpo, uma comunhão, seja cada vez mais evidenciada nas comunidades, no sentido de construir – edificar cristãos conscientes da dimensão eclesial dentro da ética pessoal, com a qual a Eucaristia constrói a vida da Igreja. Assim sendo, refletiu o Papa Bento XVI, ao mostrar esta dinâmica:

A Eucaristia é Cristo que se dá a nós, edificando-nos continuamente como seu corpo. Portanto, na sugestiva circularidade entre a Eucaristia que edifica a Igreja e a própria

Igreja que faz a Eucaristia, a causalidade primária está expressa na primeira fórmula: a Igreja pode celebrar e adorar o mistério de Cristo presente na Eucaristia, precisamente porque o próprio Cristo Se deu primeiro a ela no sacrifício da Cruz. A possibilidade que a Igreja tem de «fazer» a Eucaristia está radicada totalmente na doação que Jesus lhe fez de Si mesmo (Bento XVI, 2007, n. 14).

Portanto, é pelo ato da celebração que se entra em comunhão com o Senhor e, desse encontro, se pode vislumbrar a alegria de uma comunidade encontrada consigo e preocupada com os irmãos. É pela fé, que cada cristão encontra a força na Eucaristia para seguir a caminhada em vista do encontro e da conformação à Cristo, cabeça e princípio de unidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta comunicação buscou mostrar que é através da Eucaristia que a Igreja em sua sacramentalidade desenvolve o seu encontro gerador de *koinonia*, a comunhão intrínseca que, mesmo diante dos desafios de hoje, é força de reflexão que busca lançar o olhar para a celebração como lugar privilegiado no qual se torna eficaz e válido o sentido do que se celebra, da normativa para a vida. Que o pão partilhado desperte a consciência dos fiéis. Que as necessidades da vida sejam abordadas à luz do rito celebrado e que a liturgia alcance as dimensões da vida cotidiana, espaço de ações que refletem uma ética capaz de impactar a realidade, gerando frutos de comunhão, participação e solidariedade. Tudo isso, com o objetivo de promover um mundo onde a Eucaristia inspire uma vivência de conformação com os princípios cristãos e de transformação social para rezar e viver o que nos lembra a oração eucarística II: “participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo” (Missal, 1992, p. 480).

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis*. Roma, 22 de fevereiro de 2007. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_benxvi_exh_20070222_sacramentumcaritatis.html#CONCLUS%C3%83O>. Acesso em 08 de setembro de 2024.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BROUARD, Maurice. (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.

BUSCA, Gianmarco. *A reconciliação “irmã do Batismo”*. Brasília: CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*. Não paginado. n. 11. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 09 de setembro de 2024.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. Roma, 29 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/2022_0629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html>. Acesso em: 09 de setembro de 2024.

FRANCISCO. *Homilia da missa na Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo*. Vaticano, 04 de junho de 2015. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150604_omelia-corpus-domini.html>. Acesso em: 09 de setembro de 2024.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *Onde a frequência à missa é maior ou menor? Nigéria, 94%; Brasil, 8%*. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626380-onde-a-frequencia-a-missa-e-maior-ou-menor>>. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Vaticano, 17 de abril de 2003. Não

Paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2024

KASPER, Walter. *O sacramento da unidade: eucaristia e igreja*. São Paulo: Loyola, 2006.

MISSAL Romano. 8 Edição. São Paulo: Paulus, 1992.

PERRIN, Michel-Yves. Práticas e Discursos Eucarísticos nos primeiros séculos. In: BROUARD, Maurice. (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. [São Paulo]: Paulus, 2006; p. 126-152.

PERROT, Charles. A Eucaristia no Novo Testamento. In: BROUARD, Maurice. (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. [São Paulo]: Paulus, 2006; p. 79-116.

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: Ensaio litúrgico-teológico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.

TILLARD, Jean-Marie Roger. Teologia. Voz Católica. A comunhão na Páscoa do Senhor. In: BROUARD, Maurice. (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. [São Paulo]: Paulus, 2006; p. 521-576.